

**ESCREVIVÊNCIA COLETIVA E TRAÇOS CONTEMPORÂNEOS NA VOZ
NARRATIVA DE "BECOS DA MEMÓRIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**COLLECTIVE WRITING AND CONTEMPORARY TRAITS IN THE NARRATIVE
VOICE OF "BECOS DA MEMÓRIA" BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Idelvânia Gomes de Sousa Ribeiro¹

Rubra Pereira de Araujo²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este texto analisa a voz do narrador na obra "*Becos da Memória*", de autoria de Conceição Evaristo. Na obra, várias histórias se entrelaçam, retratando o cotidiano de uma favela prestes a ser demolida em Belo Horizonte. Através de uma pesquisa bibliográfica com uma abordagem crítica, busca-se compreender como a alternância da voz narrativa entre primeira e terceira pessoa contribui para a construção da identidade e representação das personagens em uma perspectiva da escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo. Inicialmente, destaca-se a autora e sua obra como referências na literatura afro-brasileira abordando sua temática sobre a memória coletiva e a vida da comunidade retratada no enredo. Em seguida, contextualiza-se a importância da voz do narrador e sua relevância na transmissão da história e na criação de significados. Logo, conclui-se relacionando o ponto de vista adotado e a voz narrativa como um instrumento de resgate da memória coletiva em uma narrativa polifônica.

Palavras-chave: Narrativa. Voz narratorial. Conceição Evaristo. *Becos da Memória*.

Abstract: This article aims to analyze the narrator's voice in the work "*Becos da Memória*," written by Conceição Evaristo. In the book, several stories intertwine, portraying the daily life of a favela on the brink of demolition in Belo Horizonte. Through a critical bibliographic research approach, we seek to comprehend how the alternation of the narrative voice between the first and third person contributes to the construction of identity and representation of the characters. Initially, the author and her work are highlighted as references in Afro-Brazilian literature, addressing their themes of collective memory and the life of the community depicted in the novel. Next, the importance of the narrator's voice and its relevance in conveying the story and creating meaning are contextualized. Consequently, we conclude by establishing a connection between the adopted point of view and the narrative voice as instruments for the retrieval of collective memory in a polyphonic narrative.

Keywords: Narrative. Narratorial voice. Conceição Evaristo. *Becos da Memória*.

¹ Acadêmica do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* de Porto Nacional. Link do currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4927397253385371>.

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras, *Câmpus* de Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins. Link do currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2936005889164546>

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Introdução

“A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade.”
Conceição Evaristo

Dentre as manifestações artísticas, o lugar da Literatura é imprescindível para a reflexão da complexidade humana e, sobretudo, na representação de vivências coletivas daqueles que nos antecederam ou coabitam como nossos pares. Em outras palavras, seria o neologismo da escrevivência, termo cunhado pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, autora do *corpus* literário em análise.

Segundo a autora, esse vocábulo vai além do processo de composição por aglutinação de ‘escrever e vivência’, ele representa a genealogia das intersecções entre gênero e etnia, não se restringindo ao processo de subjetivação individual, mas assumindo um caráter coletivo.

Nesse sentido, defendemos que o ato de narrar, seja de forma intersubjetiva ou coletiva é fundamental para compreender e refletir sobre a dinâmica e a essência de determinadas culturas, preservando-as ou até mesmo ressignificando-as. Diante disso, o *corpus* aqui é a obra *Becos da Memória* (2017) de Conceição Evaristo, a qual visa transfigurar pontos obscuros e as memórias do narrador, tecidas em um caráter coletivo.

A obra pertencente ao gênero do romance memorialístico e publicado em 2006, narra as vivências de personagens que, embora invisibilizados pela sociedade vigente, trazem consigo memórias potentes de resistência, resiliência e autodescoberta. A voz narrativa, em um tom memorial, perpassa e revisita os becos e labirintos da memória coletiva de famílias negras, afro-brasileiras, marginalizadas, expondo suas batalhas cotidianas contra a opressão, o silenciamento e a invisibilidade. O romance emerge e evoca elucidações que transgridem a tradição literária ao evocar subjetividades e fatos imperceptíveis e ignorados pela história oficialmente contada.

A voz narrativa é ousada, posicionando-se em primeira pessoa e, no âmbito criativo da ficção, surpreende ao afirmar sua capacidade de inventar histórias, mesmo as que são reais. “Já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2017, p.11). Nesse sentido, o enredo busca desvendar o

passado por meio de uma memória vinculada ao fenômeno da *escrevivência*, como é a tônica da epistemologia do termo conforme as concepções da autora. Ao longo da narrativa, destaca-se o lugar de fala de uma mulher negra que sobrevive na periferia urbana, ecoando a representação de sujeitos dissidentes dos privilégios e socioculturalmente postos à margem.

Sendo assim, o romance “*Becos da Memória*” é significativo por trazer uma representação nítida da literatura negra ou afrodescendente brasileira, abordando pautas relevantes sobre as vivências e a cidadania dos descendentes afro-brasileiros. A narrativa promove visibilidade a Maria-Nova, destacando seu protagonismo e seu lugar de fala como mulher negra, que desde a tenra idade, buscou empoderar-se por meio do desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao letramento, além de problematizar as relações assimétricas de poder que afetam os membros de sua comunidade.

A protagonista busca na literatura ou *escrevivência* uma forma de ressignificar as experiências vivenciadas pelos habitantes moradores de sua localidade. Esses relatos de experiências retratam situações nas quais, ela fora, em muitos casos, testemunha ocular, tornando-se não apenas uma escrita de si, mas uma *escrevivência* coletiva.

Mediante uma situação de desterritorialização de uma comunidade que sofre o apagamento e até mesmo a violação ao direito humano da memória, Maria-Nova assume uma postura protagonista, exercendo seu lugar de fala como representante ativa da comunidade que se encontra em processo de desfavelamento.

A narrativa é marcada por descrições um tanto imprecisas quanto ao local, mas visíveis em um processo de demolição e realocação para construção de um novo espaço. Maria-Nova profetiza uma possível libertação de seu povo das condições de pobreza, miséria, falta de perspectiva, além da determinação do poder público em solapar direitos humanos inalienáveis, como a preservação da memória coletiva e a garantia de uma moradia digna. A estratégia da protagonista é incentivar a construção de uma espécie de biografia coletiva, composta pelos feitos dos moradores.

A obra permite ainda uma possível intertextualidade com o enredo do filme documentário denominado *Narradores de Javé*, lançado em 2003 e dirigido por Eliane Café. O povoado da pequena cidade Javé, no interior do estado da Bahia pode desaparecer sob as águas de uma hidrelétrica, os moradores do vilarejo decidem escrever sua história e transformar o local em patrimônio a ser preservado. Assim como na narrativa de *Becos da Memória* (2017), a linguagem fílmica de *Narradores de Javé* (2003) retrata a cultura sertaneja e o processo da

oralidade histórica. Em ambos os enredos, a escrita mostra-se como meio viável de preservar e marcar a resistência de uma cultura.

A composição narrativa de *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo transita entre primeira e terceira pessoa, provavelmente com o intuito de visibilizar a multiplicidade de vozes presentes nos moradores da comunidade. Recorremos nas análises aos pressupostos teóricos de Tacca (1983); Santiago (2002); dentre outros estudiosos de composição literária e memória coletiva, com um tom social.

Além dos autores supracitados, buscamos agregar nesse texto, a contribuição de Djamila Ribeiro, em sua obra *Lugar de fala: Feminismos plurais* (2019), em que se sobrepuja a epistemologia de uma militância feminina e a sua representatividade nos diversos espaços da sociedade, onde a mulher negra sempre esteve subnotificada, invisibilizada ou teve sua participação anulada.

Maria-Nova representa a voz no enredo em questão, sobretudo no tocante a esse silenciamento feminino. A protagonista materna a possibilidade de emergir vozes alijadas em seus processos de apagamentos e silenciamento nas relações não equânimes de poder.

Narradores plurais na obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo

A contemporaneidade é caracterizada por fragmentações e pluralidades, o que influencia as composições estéticas atuais. Assim, podemos afirmar que o narrador de *Becos da Memória* (2017) adquire traços de uma narrativa hodierna, fundamentada nos conceitos do narrador pós-moderno.

Santiago, na obra “*Nas malhas do texto*” (2002) afirma que o narrador pós-moderno é “aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador” (p. 45). Para tal ação, é necessário manter certo distanciamento dos fatos, a fim de capturar uma melhor apreensão.

Nesse sentido, a objetividade do narrador tradicional é questionada, sendo necessário refletir sobre uma ficção tecida mediante o diálogo com as experiências vivenciadas, a fim de alcançar uma compreensão mais fidedigna da complexidade do mundo contemporâneo que está sendo narrado.

À medida que a sociedade se moderniza, torna-se mais e mais difícil o diálogo enquanto troca de opiniões sobre ações que foram vivenciadas. As pessoas já

não conseguem hoje narrar o que experimentaram na própria pele. (Santiago, 2002, p. 45).

Tacca (1983, p.25), ao destacar a importância do narrador, afirma: “no romance podemos vê-los de fora ou de dentro, ou uns através da consciência dos outros.”. Nesse sentido, o narrador possui a capacidade de abordar os fatos sob diferentes prismas e intenções. O foco narrativo dependerá, em grande parte, do recorte do autor ao projetar uma narrativa que visa olhar para a complexidade, baseada em suas próprias experiências.

Em uma narrativa, “há formas curiosamente entrecruzadas (...) com efeito, uma narrativa pode assumir cabalmente a forma de relato na terceira pessoa, correspondendo, no entanto à mais estrita consciência da primeira”. (Tacca, 1983, p. 26). Neste entrecruzamento de formas é possível verificar a pluralidade de um narrador que visa abarcar a complexidade, contemplando vozes diferentes.

Sendo assim, podemos vislumbrar um narrador que oscila entre os papéis de onisciência e onipresença. Nesse sentido, é visível a alternância das pessoas do discurso, provavelmente com o intuito de relatar experiências internas e externas dos acontecimentos, enriquecendo o tom complexo da narração, entretanto, sem deixar de atrair o leitor em sua perspicácia ao verificar o desenvolvimento dos fatos em tela.

As características de alternância das pessoas do discurso entre primeira e terceira pessoa podem ser visualizadas na narrativa, como notamos no excerto a seguir:

Sempre sabíamos quando Vó Rita estava chegando. Ela vinha cantarolando ou falando sozinha, [...] e não era louca, Vó Rita era boa, muito boa. Hoje, quando penso em Vó Rita, é como se pensasse no mistério e na plenitude da vida. [...] Maria-Nova escutou de longe a gargalhada forte de Vó Rita. Quis correr para abraçá-la, mas se lembrou da Outra. Não! Vó Rita dormia embolada com ela. Parou, então, com o coração aos pulos. (Evaristo, 2017, p.69).

Os métodos narrativos de “*Becos da Memória*” visam estabelecer uma conexão mais próxima e íntima com o leitor, mantendo as características de um protagonismo moldado pela memória e pelas experiências pessoais. A obra, ao explorar temas como identidade, deslocamento e pertencimento, reflete as preocupações da sociedade contemporânea num ambiente de marginalização e de enfrentamento às diversidades social, política e cultural.

O romance em tela pode ser considerado de base mneumônica, dada a relação visceral entre narrador e autor. A autora, ao denominar a sua escrita e vivências como “escrevivência”,

remete-o a uma ancestralidade coletiva conectando-o a sua experiência individual. Tacca afirma que “entre autor e narrador (há) uma tensão difícil de resolver” (1983, p.38). Estes e outros aspectos tornam a obra por vezes complexa, e em certa medida, densa para a compreensão do leitor.

O aspecto do romance memorialista promove, em certos trechos, a presença de um narrador-personagem que relata vivências e episódios significativos, emergindo, assim, um caráter autobiográfico ou uma relação de intrínseca intimidade entre autoria e narração.

Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade de invenção. (Evaristo, 2017, p. 10).

Conceição Evaristo recomenda que sua obra seja lida como uma ficção de memória. Nesse sentido, prevalece a característica fundamental do romance memorialista, em que o narrador, ao explorar suas memórias e experiências pessoais, busca estabelecer uma interação significativa entre autor e leitor ao compartilhar uma verdade pessoal, subjetiva e reflexiva. Essas características atribuem à narrativa um caráter autêntico, ao mesmo tempo em que promovem uma proximidade afetiva com o leitor.

Na narrativa memorialista o narrador mais experiente fala de si mesmo enquanto personagem menos experiente [...] essa narrativa trata de um amadurecimento que se dá de forma retilínea. Já que o narrador de ficção pós-moderna não quer enxergar a si ontem, mas quer observar o seu ontem no hoje de um jovem.” (Santiago, 2002, p. 55 - 56).

Esse diálogo entre narradores, um mais experiente e outro mais imaturo, está presente no enredo do *corpus*, onde Maria-nova, uma adolescente, rememora vivências de outrora em que sua comunidade padecia em situação de pobreza diante da demolição imposta pelo *biopoder* governamental. Nesse sentido, “as ações do homem não são diferentes em si de uma geração para outra, muda-se o modo de encará-las, de olhá-las”. (Santiago, 2002, p. 54).

Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova. Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. (Evaristo, 2017, p. 12).

A leitura dessa obra requer do leitor uma visão holística, capaz de apreender a pluralidade de vozes que emergem na narrativa. A protagonista, agora narradora, Maria-Nova desempenha a função de ressignificar a interpretação dos fatos evocados na memória da adolescente. Assim, o romance em questão apresenta uma estrutura literária e narrativa contemporânea, na qual o verbo é evocado para romper o silêncio imposto pelo tempo e pela opressão. Evaristo, ao apropriar-se desse estilo contemporâneo, evoca um passado vivenciado por ela, enquanto fio condutor de um tecido coletivo.

Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (Evaristo, 2017, p.11).

É importante destacar que, nesse processo criativo de composição, rompe-se completamente a linearidade e estabelecimento de papéis fixos. A narração é permeada por conflitos, em que, muitas vezes, é a experiência e a voz do outro que emergem na construção do enredo. Nesse sentido, prevalece uma função social de representatividade. Tal processo denota o exercício genuíno do olhar para o outro como alguém que pode me representar. Sendo assim, a alteridade torna-se visível em todo o processo narrativo.

O herói do romance moderno que já está descaracterizado, que não se pode já situar a partir do exterior nem analisar a partir do interior reduz a uma voz. Mas essa voz merece ser escutada, pois nunca é a mesma. (Tacca, 1983, p. 33).

O narrador assume a função social de representatividade, emitindo seu juízo de valor, de modo que fato e opinião se entrelaçam na narrativa com o propósito de enunciar e denunciar mazelas vivenciadas, bem como as ações de cidadania negligenciadas ou violentadas. Dessa forma, não há espaço para neutralidade ou o distanciamento típico de uma narração onisciente; o narrador torna-se um porta-voz, emitindo uma visão crítica e reflexiva sobre os fatos narrados.

O protagonismo e lugar de fala de Maria-Nova

Em um contexto histórico marcado por desafios sociais e estruturais, a obra *Becos da Memória* insere-se em um cenário eivado pela marginalização, injustiças e adversidades enfrentadas por uma comunidade desassistida de políticas públicas. Maria-Nova, uma adolescente negra, nutre o desejo de escrever histórias que retratem suas interações familiares

e as de seus pares na comunidade. Além disso, ela acredita no poder de narrar suas vivências, sobretudo na capacidade de resistência de seu povo, escravizado socioculturalmente.

Na narrativa predomina aspectos de passados vivenciados no cotidiano de sua comunidade, alternando a capacidade de uma narrativa que transita entre aspectos tradicionais, memória coletiva e oralidade. Além disso, prevalece uma multiplicidade de vozes que atribuem significados em suas existências, conferindo aos moradores uma capacidade plural de protagonizarem suas próprias narrativas.

As pessoas do discurso alternam-se entre primeira e terceira pessoa. Maria-Nova, personagem-narradora, representa fatos passados e presentes, apresentando digressões ao longo da narrativa. A narração parece representar os labirintos de uma memória não linear, emergindo transposição de vozes e um protagonismo complexo, multifacetado e captando as emoções do leitor.

Cruz, (2016, p. 21) aponta espelhamento no foco narrativo e afirma que a marca “da voz remete às recordações da narradora e a da voz que conta sobre Maria-Nova”. A narradora-personagem distancia-se de si mesma para dar a voz a sua ancestral, alternando para uma narrativa que, em grande parte, se desenvolve grande parte na terceira pessoa.

A narradora apropria-se da consciência de um personagem para representar sua visão de mundo e o que pretende evocar, podendo assumir a sua voz ou não. “É o efeito da voz do narrador, das diferentes vozes que o narrador modula através da sua como num sutil jogo de espelhos” (Tacca, 1983, p.33).

Ultimamente Maria-Nova não saía da torneira. Era tempo de férias. Época de aula, pelo menos uma parte do dia, podia ficar atrás do portão, que as pessoas passavam e raramente lembravam que ela estava ali. Nas férias era um tormento! Maria-Nova ficava durante todo o dia lavando roupa ou buscando água. Não sei para que e para onde esta menina leva tanta água! Eu mal posso chegar ao portão. Não quero que ela me veja. O único olhar que eu enfrento é o de Rita. Ela é a única pessoa que sabe me olhar normalmente. Os outros todos me olham procurando me ver. (Evaristo, 2017, p. 43).

Neste excerto, prevalece o fluxo de consciência, permitindo ao leitor uma espécie de espelhamento com outra personagem até então, desconhecida do leitor, e mais tarde nomeada como “Outra”, o que resulta em uma fragmentação de pensamentos não lineares.

A narradora compartilha suas reflexões mais íntimas, incluindo a aversão que a personagem expressa em relação à presença constante de Maria-Nova no local, e a preocupação sobre como ela e os outros a veem. Isso proporciona ao leitor uma compreensão aprofundada da complexidade emocional por detrás dos pensamentos dessa personagem.

Neste trecho, o elemento água é bastante recorrente, criando uma impressão de misticismo, reforçada pela narração em terceira pessoa. A água é comumente relacionada ao emocional, à introspecção e até mesmo à intuição, o que pode sugerir a presença de uma energia feminina encantada, representando a ancestralidade que estabelece uma espécie de interlocução apresentada por meio da narradora-personagem.

Na sequência do trecho, ocorre a alternância de terceira para primeira pessoa e a voz interior da personagem assume o papel de referir-se a si mesma e as suas percepções ao expressar-se com sentimentos conflitantes. Ela quer evitar ser vista, quer manter o anonimato e ao mesmo tempo sente necessidade de interação social. Essa transição na narrativa, cria uma dualidade de sentimentos e a onisciência do narrador permite explorar de maneira mais profunda os conflitos internos da personagem, suas lutas e complexidade emocional.

O predomínio do narrador onisciente promove uma compreensão mais nítida para o leitor acerca do desenvolvimento dos fatos narrados, seria uma espécie de tornar a narrativa mais fluída e de fácil apreensão para o leitor, a narração em um ato solidário.

Uma Literatura Fluída e Múltipla

Na narrativa em tela ainda é possível detectar traços claros da contemporaneidade mediante a técnica narrativa do fluxo de consciência. Pensamentos, memórias e reflexões são tecidas de forma não linear e ainda emerge a dualidade complexa da sociedade contemporânea.

Além da não linearidade, o texto também se destaca pelos relatos curtos e fragmentados, a fim de retratar a situação de vulnerabilidade cotidiana vivenciada pelos personagens. O cenário narrado oscila entre becos e labirintos; em outras palavras, seriam os guetos impostos a uma comunidade alijada de direitos humanos básicos inalienáveis, como é (ou era) a realidade das comunidades remanescentes da dissidência racial hegemônica.

É possível visualizar claramente na narrativa “*Becos da Memória*” traços da sociedade líquida, descrita epistemologicamente pelo polonês Zygmunt Bauman, como ele mesmo a descreve:

“Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. (...) Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se” (...), portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento (Bauman, 2001, p.8)

Como visto anteriormente, a narrativa ocorre de forma simbólica, fazendo alusão ao elemento água, ou seja, ao fluído. Nesse sentido, a narração ressignifica o tempo, e não o espaço, não há resistência ao seu fluxo temporal, transmitindo a certeza de que essa realidade pode ser mutável. Entretanto, é mister observar que a escrevivência é uma forma de preservar a memória, evitando seu apagamento da consciência coletivo como se pode depreender deste trecho: “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente” (Evaristo, 2017, p. 31). Nesse sentido, a escrita adquire traços visíveis da oralidade transmitida nas rodas de conversas, e esta necessita do registro escrito para se perpetuar.

O termo da escrevivência cunhado por Conceição Evaristo traz em seu bojo o protagonismo e o lugar de fala de pares partícipes de um cotidiano ordinário, vivenciado por um coletivo de pessoas marcadas por um estigma sociocultural relacionado à cor da pele e etnia subjugada. Esses indivíduos encarnados, desencarnados, situados às margens socioculturais, ganham caráter de sujeitos nominados e com força narrativa: os marginalizados podem tornar-se heróis na narrativa:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, [...] aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstumas às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira [...] Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, Sô Noronha, à Donana do Padim. (Evaristo, 2017, p.17).

Nesse aspecto, é importante observar que um ponto de destaque é a voz narrativa, que ocasionalmente oscila para a primeira pessoa do plural, trazendo a ideia da proximidade entre

narrador e objeto, proporcionando ao leitor uma sensação de estar lendo uma experiência compartilhada. Como podemos verificar neste excerto narrativo:

Então paramos todos naquele dia. Cruzamos os braços. Nós nos negamos todos a trabalhar. Só trabalharíamos quando Titão fosse aceito novamente. Sabe o que eles fizeram? Sabe qual a resposta que nos deram? Que, se não trabalhássemos, havia navios para carregar e descarregar, nossos salários seriam suspensos” (Evaristo, 2017, p. 97).

Predomina em toda a narrativa uma espécie de interação entre os personagens, há um senso de coletividade genuíno, superando a ideia do individualismo. O leitor pode perceber esse processo de interação, que parece ser empreendido até consigo mesmo, em outros dizeres, uma ficção interativa parece prevalecer.

Judith Butler, no livro *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2015) aponta que em questão de um regime de verdade, em que o *biopoder* governa a subjetivação, é importante relatar a verdade de si mesmo e, com efeito, a capacidade do sujeito de dizer a verdade sobre si e seus pares, valorizando o autorrelato uma forma legítima de reivindicar a posição sociocultural de si e de sua comunidade.

Notamos que a prática da escrivência, exemplificada por Conceição Evaristo nesta obra, confere à narrativa uma capacidade de dar luz aos antepassados e de servir como farol para as gerações vindouras, especialmente para aqueles que compartilham a dissidência étnico-racial de matriz africana.

A narradora Maria Nova assume um papel de liderança na comunidade em que vive, principalmente devido ao desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita, o que lhe confere certa legitimação na sociedade grafocêntrica. Visualizamos, nesse aspecto, os efeitos imprescindíveis de uma educação sistemática e formal. No processo de ensino e aprendizagem, é imprescindível que a mediação docente e o currículo dialoguem com o conhecimento prévio de mundo do sujeito:

[...] Maria nova divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. (Evaristo, 2017, p. 73).

No exceto acima notamos a máxima da pedagogia de Paulo Freire (1989) ao afirmar que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.(p. 13). Ou seja, no processo de leitura e escrita, é imprescindível conceber que o sujeito deve, antes de tudo, ler o mundo circundante, compreender seu contexto e nesse autoconhecimento, ele pode intervir na realidade, relacionando a linguagem e o meio sociocultural. A educação em toda a narrativa é vista com o seu potencial de transformação social: “Afinal ela estava estudando, Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação.” (Evaristo, 2017, p. 110).

Outro personagem que se destaca na narrativa é o Negro-Alírio, ao qual também é conferido o exercício de certa liderança comunitária, devido sua capacidade de leitura e escrita advindo da educação formal.

O Homem nascera bem longe dali. Quando criança fora, até um dado momento, um moleque qualquer. Um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E da observação à descoberta, da descoberta à análise, da análise à ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo. Não era um mero observador, um enamorado das coisas e do mundo. Era um operário, um construtor da vida. (Evaristo, 2017, p. 54).

Entretanto, o destaque de poucos personagens na ascensão da leitura e escrita, de certa forma, denuncia uma educação pública deficitária que não cumpre o papel sociocultural de alfabetizar e letrar toda a comunidade. Um exemplo nítido dessa lacuna da educação, enquanto forma de percepção de mundo, é evidenciado no episódio da necessidade de abandonar o território onde viviam: “O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião?” (Evaristo, 2017, p. 71).

Podemos afirmar que Maria Nova e outros personagens tornam-se símbolos ou referências de resistência de um povo oprimido. Ela tinha consciencia de classe e de existência não apenas de si, mas de sua vinculação e missão com o seu povo:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (Evaristo, 2017, p. 177).

A escrevivência é uma ferramenta de empoderamento social, um meio de externar o grito que ecoa das escravidões ainda destinadas ao povo negro, sobretudo nas vozes femininas ainda silenciadas pelo patriarcado vigente em nossa sociedade contemporânea.

Por fim, podemos inferir que Maria Nova é a viva personificação do eu-lírico autoral de Conceição Evaristo, que encontra na escrevivência uma maneira de (d)enunciar suas subjetividades ancestrais.

Considerações finais

O olhar para a voz narrativa da obra *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo, é determinante para compreender o potencial da obra, sobretudo no que concerne ao impacto sociocultural da escrita, no reconhecimento e valorização da identidade coletiva afrodescendente.

No processo de representação, no protagonismo e lugar de fala de Maria Nova, notamos nitidamente que a voz narrativa não é mero recurso estilístico, mas um mecanismo potente de resistência cultural, constituindo um dos marcadores importantes da Literatura afro-brasileira contemporânea.

Outro fator preponderante é a polifonia empreendida no ato narrativo, na alternância de narradores, que potencializa as ações de uma diversidade de personagens que não passam invisibilizados, mas contracenam vivências multifacetadas em uma comunidade eminentemente plural. Vale enfatizar que essa pluralidade, tecida na trama envolvente da ficção interativa, é composta justamente por seres singulares que carregam em si suas idiossincrasias.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Betonni. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

CRUZ, Jane Cristina **Uma análise da personagem narradora em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte, 2016. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. A importância de ler. In: _____. **A importância de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro: RioFilme, 2004. 1 (DVD). 100min.

PEREIRA, Gloria Maria Santiago; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Subjetividades em trânsito: Identidade, diáspora africana e cultura imaterial**. Psicologia & Sociedade. Universidade Católica de Brasília, Brasília/DF, Brasil. Psicologia & Sociedade, 30, e175276. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30175276>

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. 2. ed. São Paulo: Rocco, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala. Feminismos plurais**. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.